

História oral e contemporaneidade*

Paul Thompson**

Tradução de Andréa Zhouri
e Lígia Maria Leite Pereira***

NO LIMIAR DE UM NOVO SÉCULO, qual poderia ser nossa visão das potencialidades futuras da história oral? Hoje eu gostaria de oferecer, a partir de minhas próprias experiências de trabalho com história oral ao longo de trinta anos, algumas respostas mais amplas para esse desafio.

A formulação de uma questão como esta imediatamente provoca uma segunda pergunta, qual seja, o que entendemos por “história oral”? Devo dizer, desde logo, que tenho forte preferência por uma definição mais ampla: entendo por “história oral” a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. Não creio que se possa avançar muito tentando definir história oral de modo estreito,

* Este texto resulta originalmente de uma palestra realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, a 29 de agosto de 2000. Agradeço particularmente a Andréa Zhouri – com quem já havia trabalhado anteriormente na Universidade de Essex, na Inglaterra – e a Lígia Maria Leite Pereira, professoras da UFMG, pela organização desse evento e também pela tradução de meu texto.

** Professor de História Social da Universidade de Essex, Inglaterra.

*** Professoras da Universidade Federal de Minas Gerais.

como um processo de habilidades com regras fixas, ou como uma sub-disciplina separada.

Primeiramente, ela é um método que sempre foi essencialmente *interdisciplinar*, um caminho cruzado entre sociólogos, antropólogos, historiadores, estudantes de literatura e cultura, e assim por diante. De fato, ao longo de minha vida de pesquisador, sempre observei como determinadas disciplinas podem ser transformadas por novos modos de pesquisa, e vejo como uma força crucial da história oral que ela permanece como uma forma fundamental de interação humana que transcende essas fronteiras disciplinares.

Meu próprio trabalho com história oral surgiu desse contexto interdisciplinar, pois tive uma formação de historiador social e, em 1964, fui ensinar no Departamento de Sociologia da Universidade de Essex. Foram meus colegas sociólogos de lá que, quando fui encarregado de escrever a história social da Grã-Bretanha nas duas primeiras décadas do século vinte – o que resultou no livro *The Edwardians* (1975) – primeiro me encorajaram a entrevistar homens e mulheres que viveram naquele período. Muito do método que utilizei, inclusive o uso de uma amostra por cota e um guia de entrevista extensa, veio da influência sociológica. Por outro lado, no estágio em que eu via esse método – era método então, pois nunca tínhamos ouvido o termo “história oral” –, como o uso de entrevistas para fazer história social, meu interesse era antes no passado dos entrevistados que em sua vida mais recente. A consequência foi que nenhum dos 444 homens e mulheres que entrevistamos foram perguntados sobre suas experiências depois de 1920, uma omissão que torna seus depoimentos menos valiosos do que poderiam ter sido, tanto histórica quanto sociologicamente, o que em retrospecto, lamento muito.

Trabalhar no contexto da sociologia, e particularmente a influência de colegas sociólogos como Daniel Bertaux, conduziram-me a uma abordagem mais ampla, que funde o interesse pelo passado e pelo presente por meio do uso de uma única entrevista de história de vida, ou de grupos intergeracionais de entrevistas realizadas com determinadas famílias. Dois de meus livros mais recentes que exemplificam essa abordagem são *Pathways to Social Class* (1997) e *Growing up in Step-families* (1997). Eu deveria enfatizar que estes estudos são ao mesmo tempo históricos e sociológicos. Com relação ao livro sobre famílias de

enteados (*stepfamilies*), gravamos entrevistas de história de vida com 50 homens e mulheres, todos nascidos em 1958, e tendo vivido o novo casamento de um dos pais na idade de 16 anos. Eles foram escolhidos a partir de uma pesquisa nacional oficial, de forma que tinham sido entrevistados, em intervalos, durante suas vidas inteiras. Mas nunca tinham sido entrevistados em profundidade. E embora estivessem apenas na casa dos trinta anos quando gravamos as entrevistas, foi muito espantoso como aquelas infâncias ainda bastante recentes claramente pertenciam a uma era já extinta – por exemplo, de pouca droga, pleno emprego, divórcios raros – o que já os tornava históricos.

Vejo também laços muito estreitos entre o trabalho de história oral e a antropologia. Existe, naturalmente, uma longa e distinta tradição do trabalho com história de vida na antropologia nas Américas, incluindo clássicos como *Pedro Martinez*, de Oscar Lewis, ou *Worker in the Cane*, de Sidney Mintz. Embora seja de se lamentar o fato de que essas entrevistas nem sempre tenham sido gravadas, e também que Lewis tenha sido atacado por suas idéias simplistas sobre a “cultura da pobreza”, esses livros foram incrivelmente poderosos em transmitir a experiência de outras culturas para amplas audiências no ocidente. Por outro lado, no meu próprio trabalho fui influenciado pela antropologia, tanto na interpretação quanto no método. Assim, tornei-me crescentemente interessado no poder do mito na formação de nossas vidas diárias e nas influências transgeracionais no interior das famílias (*The Myths We Live By*, 1990, e *Between Generations*, 1993). Usei também – ao lado de entrevistas gravadas – abordagens antropológicas, tais como a observação participante, em *Living the Fishing* e no meu atual trabalho sobre as famílias jamaicanas transnacionais: saindo nos barcos de pesca em busca da cavala, sentando no café do porto conversando com velhos capitães do mar aposentados, ou vivendo com uma família num vilarejo rural jamaicano, participando de um velório – mas sempre guardando os detalhes chave em mente para anotar em meu caderno de campo. Eu acredito que essa combinação interdisciplinar de métodos representa o maior potencial para a pesquisa do futuro.

Há também importantes conexões entre história oral e o trabalho social ou em programas de desenvolvimento. A equipe de pesquisa de *Growing up in Stepfamilies* era multidisciplinar: eu, como historiador social e sociólogo, dois terapeutas de família e um psiquiatra. Queríamos

que o livro fosse não apenas uma interpretação retrospectiva, como que oferecesse também sugestões práticas para futuros pais e crianças entrando na vida familiar como padrastos e enteados. De modo geral, acredito que os historiadores orais podem ganhar muito na interpretação das histórias de vida que registram se forem sensíveis às questões psicológicas. A esse respeito, se é claro que existem importantes *insights* a partir da psicanálise – sobre memória e repressão, sexualidade e, especialmente afetividade –, na prática eles são geralmente muito difíceis de se articularem à evidência da história oral, que lida antes com aquilo que é lembrado do que com o que é reprimido, e com a vida na infância e na fase adulta mais que com a infância propriamente dita. Por essas razões, frequentemente é mais fácil retirarmos a evidência da pesquisa psiquiátrica sistemática, tal como fez Michael Rutter ou George Brown, ou de teorias e *insights* práticos de terapeutas de família, que interpretam a família como sistemas estruturais entrelaçados, simultaneamente emocionais e sociais.

Muitas vezes surpreendo-me pela resistência, particularmente dos sociólogos, a essa dimensão psicológica. Muito recentemente, estive discutindo com uma amiga brasileira sua pesquisa sobre o turismo sexual. Elementos cruciais na situação são obviamente a desigualdade econômica, a pobreza das mulheres brasileiras locais e a riqueza dos turistas visitantes, e as imagens quase contrárias que têm um do outro: os turistas imaginando as mulheres brasileiras como altamente sexuais, “tropicais”, enquanto as mulheres achando que os homens são frios e pouco exigentes sexualmente. Mas enquanto essas pressões estruturais compõem o contexto para o turismo sexual, elas não explicam porque certas mulheres se tornam prostitutas e outras não. Poderíamos supor que outros fatores psicológicos estejam envolvidos, tais como o abandono na infância, uma mãe distante e fria ou o abuso sexual por parte do pai ou avô. Creio que tanto as perspectivas sociais quanto as psicológicas são igualmente relevantes para a interpretação.

Na Grã-Bretanha, em termos de trabalho social, o desenvolvimento mais importante da história oral desde os anos setenta tem sido a terapia da reminiscência. Esta se originou de uma conseqüência acidental observada em nossas primeiras entrevistas: muitas vezes uma pessoa idosa que estava doente, sofrendo ou parecendo triste, depois da entrevista tinha ficado, conforme soubemos por relatos posteriores

de um parente, fisicamente melhor e mais alegre. O trabalho de reminiscência foi desenvolvido na Grã-Bretanha principalmente através da liderança de Joanna Bornat, que estudou comigo em Essex nos anos setenta. Centra-se nas discussões em grupo de experiências de vida compartilhadas, que geralmente são estimuladas por uma combinação de fotografias antigas, música e memórias gravadas dos períodos anteriores da vida dos participantes. Descobriu-se que para muitas pessoas idosas, e particularmente para aqueles que se encontram isolados ou deprimidos, até mesmo a ponto de terem perdido a fala ou se tornado mudos, esses grupos de reminiscência podem constituir uma virada vital e reacender um interesse ativo na vida e nas relações sociais com os outros, e por essa razão o trabalho de reminiscência tornou-se amplamente utilizado por aqueles que realizam trabalhos sociais e em hospitais.

Quanto ao trabalho na área de desenvolvimento, como Hugo Slim e eu discutimos em *Listening for a Change* (1993), a necessidade de partirmos da experiência de história de vida do povo local, próspero ou pobre, homens ou mulheres, é crucial se quisermos ter alguma esperança de termos programas de ajuda apropriados e planejados com sucesso¹. Assim, por exemplo, um programa de ajuda para a indústria de pesca em Kerala concentrou-se inteiramente no financiamento de barcos maiores, porque essa foi a demanda dos pescadores. Mas os homens eram apenas uma parte da indústria: o processamento do peixe e o mercado eram inteiramente conduzidos pelas mulheres das mesmas famílias. A escuta subsequente de suas histórias trouxe também o reconhecimento de que havia igual necessidade de investimento em acomodações e equipamento para a limpeza, preservação e venda de peixe.

Em segundo lugar, creio que a melhor pesquisa de história de vida abrange tanto a compreensão e a interpretação das vidas individuais, quanto a análise das sociedades mais amplas. Em outras palavras, ela une, ao mesmo tempo, a evidência da pesquisa qualitativa e quantitativa. Minha própria prática tem sido esta: por exemplo, nossas “*step-families*” foram retiradas de uma amostra nacional, enquanto que para

¹ Por trabalho na área de desenvolvimento, o autor refere-se aos estudos sobre pobreza no terceiro mundo e aos programas de ajuda bilaterais ou multilaterais oferecidos pelos países do primeiro mundo aos países do terceiro mundo (N.T.).

The Edwardians construímos nossa própria amostra nacional por cota. Mas muitos pesquisadores sociais concentram-se exclusivamente em uma ou outra. Assim, por um lado, existem pesquisadores estatísticos usando *surveys* nacionais, que podem nunca ter realizado um trabalho de campo com entrevista em vinte anos; por outro, pesquisadores qualitativos envolvidos com uma dúzia de preciosas entrevistas que eles próprios realizaram, incapazes de tirar quaisquer conclusões prováveis, e portanto, levados a se restringir e realizar análises puramente narrativas, ou a uma reflexão pessoal sobre a relação de entrevista. A história oral que dispensa atenção à amostragem, ou melhor, que está vinculada a amostras de *survey* mais amplas, tem um importante potencial para preencher esse hiato, e assim fazendo, fortalecer ambos os tipos de pesquisa.

Obviamente, existem limites definidos para o que podemos aprender só com as estatísticas. Migração, por exemplo, é uma questão de grande importância para o Brasil, e mesmo globalmente. Temos numerosas estatísticas sobre de onde as pessoas vêm, a proporção de homens e mulheres, seus salários relativos, etc. (Mesmo essas estatísticas oficiais podem ter severas limitações: por exemplo, nos Estados Unidos estima-se que pode existir o dobro dos indianos ocidentais em relação aos que entraram legalmente, e as estimativas para os mexicanos são ainda mais duvidosas). Mas a informação que obtemos só a partir das estatísticas não pode explicar porque as pessoas de algumas culturas migram frequentemente e outras não. Para isso, os testemunhos narrativos são essenciais. Por exemplo, na Inglaterra, algo como 90% dos restaurantes indianos são dirigidos por famílias originárias da pequeníssima cidade de Sylhet, em Bangladesh, no delta do Ganges. A partir de suas histórias de vida pudemos descobrir que essas pessoas, tradicionalmente peritas em navegar na vasta rede de canais dos rios e várzeas sazonais, tornaram-se marinheiros com a marinha mercante britânica nos anos 1920-1940. Alguns se fixaram nos portos britânicos, e uns poucos montaram restaurantes para servir a suas próprias comunidades nascentes. Seu sucesso desencadeou a cadeia dramática de migração na última parte do século. A partir das estatísticas pode-se estimar o número das famílias de Bangladesh, se homens e mulheres têm trabalho remunerado, e mesmo sua renda e pobreza relativa. Mas, sem relatos em profundidade, é impossível compreender porque eles, mais do que outros vizinhos e parentes, foram para a Inglaterra; como

experimentaram a mudança entre duas culturas totalmente diferentes; o que significa ser uma mulher de Bangladesh coberta pelo véu nas ruas de um país ocidental altamente sexualizado; quais são suas esperanças e aspirações para o futuro. A história oral pode nos contar isso, não só sobre esses grupos, como também sobre uma interminável gama de grupos migrantes, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo.

Um segundo exemplo da força da combinação de ambos os tipos de evidência é a dinâmica da mudança demográfica. A maioria dos países no mundo sofre da ansiedade, seja – como em muitos da Europa – de estagnação de sua população e medo de seu declínio, seja, mais comumente, dos rápidos níveis de crescimento que ameaçam condená-los à pobreza eterna. As tentativas governamentais de influenciar as tendências da população raramente tiveram um impacto claro. Por exemplo, tanto os fascistas italianos quanto os comunistas russos fizeram repetidas tentativas de aumentar a taxa de nascimento em seus países, mas foram totalmente ineficazes. Mais uma vez, inúmeras estatísticas sobre esse tópico estão há muito disponíveis. Mas as questões que elas colocaram foram baseadas nas suposições de senso comum dos homens de classe média. Nos anos 1970, Diana Gittins conduziu uma pesquisa de história oral como parte de um mestrado em Essex, sobre a transmissão de conhecimento de técnicas de controle de nascimento entre mulheres da classe trabalhadora. Até então supunha-se que o conhecimento de controle de fertilidade era detido, primeiramente, pelas classes médias educadas e, por meio delas, difundido para o restante da população. A partir de suas vinte primeiras entrevistas, entretanto, Gittins descobriu que as mulheres da classe trabalhadora mais próximas das classes médias, tais como as empregadas domésticas, de forma alguma adquiriam esse conhecimento através delas; e que as mais informadas eram as mulheres que trabalhavam juntas em fábricas e escritórios, e que trocavam informação entre si completamente independentes da burguesia.

Houve, portanto, mais do que uma corrente de influência de classe social na redução do tamanho da família na Grã-Bretanha, entre o final do século XIX e meados do século XX. Em suma, a importância da cultura burguesa nesta transformação tinha sido grosseiramente superestimada. Havia também a suposição de que os agentes cruciais na introdução da contracepção eram os homens. Isso se refletiu nas

próprias estatísticas, que davam os níveis de fertilidade só pelas ocupações dos maridos. Com a hipótese sugerida por suas primeiras entrevistas de história oral, Gittins pôde analisar novamente as estatísticas para seu livro *Fair Sex*, e provar que para o tamanho da família da classe trabalhadora, a ocupação das mulheres era tão crucial quanto a dos homens.

De uma outra perspectiva, como historiadores orais, nunca deveríamos ficar satisfeitos com abordagens aleatórias para escolher aqueles que iremos ouvir, pois isso enfraquece seriamente as conclusões que podemos tirar de nossas entrevistas. Em todo projeto precisamos dar atenção especial à formulação de estratégias apropriadas de amostragem. Existem, é claro, muitos tipos diferentes de amostragem possíveis. Para criar uma amostra plenamente representativa, deveríamos retirar uma sub-amostra de um *survey* existente, ou produzir uma nova amostra aleatória ou por cota, local ou nacional. Outra alternativa, especialmente para interpretar a mudança social, é tomar uma amostra de famílias, e entrevistar duas ou mais gerações na mesma família. Ou podemos partir para as abordagens mais flexíveis, tais como “amostragem estratégica” ou intencional, em que o plano de amostragem desenvolve-se em resposta aos achados das primeiras entrevistas. Projetos diferentes, com diferentes objetivos e dificuldades demandam diferentes soluções. O ponto chave é que os historiadores orais deveriam sempre pensar sobre as implicações quantitativas de sua pesquisa, e ter uma estratégia de amostragem que se adapte a seus propósitos: e assim visar a um poder explanatório que é ao mesmo tempo qualitativo e quantitativo.

Em termos de *temas*, quais são as forças e potencialidades especiais do trabalho de pesquisa com história oral? Quero enfatizar quatro: vozes ocultas, esferas ocultas, tradições orais, e conexões através das vidas.

Primeiro, *vozes ocultas*. De fato, todo homem e toda mulher têm uma história de vida para contar que é de interesse histórico e social, e muito podemos compreender a partir dos poderosos e privilegiados – proprietários de terra, advogados, padres, empresários, banqueiros, etc. Mas a história oral tem um poder único de nos dar acesso às experiências daqueles que vivem às margens do poder, e cujas vozes estão ocultas porque suas vidas são muito menos prováveis de serem documentadas

nos arquivos. Essas vozes ocultas são acima de tudo de mulheres – e é por isso que a história oral tem sido tão fundamental para a criação da história das mulheres; mas existem muitas outras, tais como os trabalhadores que não estão organizados em sindicatos, os muito pobres, os deficientes, os sem-teto ou grupos marginalizados. No Brasil isso inclui particularmente os povos indígenas, as comunidades rurais de ex-escravos que viviam nos quilombos e, acima de tudo, as famílias das favelas das grandes cidades.

Em segundo lugar, as *esferas ocultas*: os aspectos da vida da maioria das pessoas que raramente são bem representados nos arquivos históricos. Talvez a esfera mais importante de todas seja a das relações familiares, incluindo as diferentes experiências da infância em todos os estratos sociais, dos privilegiados com serviços domésticos até crianças de rua das cidades. Mas há também um descuido – por parte dos historiadores orais e também pelos outros – das experiências de envelhecimento. A velhice é uma experiência surpreendentemente ocultada. É frequentemente concebida como uma fase de calma retirada ou declínio, mas como descobri a partir das entrevistas para meu livro *I Don't Feel Old* (1990), é, ao contrário, um período muito desafiador de mudança radical, quando as pessoas têm que se respaldar criativamente em suas experiências de vida anteriores para combater a depressão e a doença. Foi surpreendente como alguns dos mais vigorosos se lançaram em novos *hobbies*, a exemplo de uma arranjadora de flores, que via essa nova atividade como um elo de ligação com seu pai artista; ou os que se casaram novamente e estavam vivendo suas vidas dançando e amando.

Outra esfera oculta é a do crime, da violência e das drogas. O trabalho contemporâneo sobre isso é difícil e muitas vezes perigoso, mas tem sido um dos principais temas das histórias de vida da escola de Chicago. É também possível entrevistar ex-criminosos mais idosos; e têm surgido muitos livros importantes baseados em depoimentos de homens que ainda estão na prisão.

Uma terceira esfera oculta é a cultura informal de trabalho: desde a fábrica de automóveis até a plantação e usina de açúcar. Em meu trabalho sobre uma fábrica inglesa de automóveis nos anos oitenta, fiquei surpreso ao constatar até que ponto os trabalhadores eram capazes de manter uma cultura secreta no trabalho que seus supervisores nunca

compreenderam: jogando xadrez, lendo, caçando coelhos nas linhas do trem, promovendo festas de aniversário e festivais de Natal. No Natal, eles pilhavam sobras de peças dos carros para criarem grandes sistemas giratórios de luzes faiscantes nas linhas de montagem dos carros – um jogo que eu concluí que tinha também a intenção de mostrar que mesmo condenados à rotina do trabalho na linha de montagem, ainda tinham habilidades de homens realmente especializados.

Mais recentemente, em minhas entrevistas gravadas com a elite financeira do Centro Financeiro de Londres para *City Lives* (1996), descobri que jogos igualmente surpreendentes tinham sido comuns pelo menos até fins dos anos setenta, entre os financistas na *City of London*. Na Bolsa de Valores, por exemplo, eram freqüentes os incidentes de jogar dardos de papel uns nos outros, ou atear fogo nos papéis de trabalho uns dos outros, assim como jogos verbais, gritos e vaias. Quase todos os corretores tinham sido educados em internatos masculinos, e como adultos continuavam a brincar no mesmo estilo que faziam na escola. A atmosfera de clube só foi quebrada, e maneiras mais sérias tornaram-se norma, quando foram forçados a admitir mulheres.

Outro lado desse mundo financeiro foi recentemente estudado por Junko Sakai, que acabou de terminar sua pesquisa em Essex sobre os banqueiros japoneses em Londres. Seu estudo é fascinante. Ela observou que os membros do *staff* japonês do sexo masculino e os ingleses sustentavam culturas de trabalho completamente separadas. Excepcionalmente, alguns japoneses foram influenciados pela insistência inglesa em ir para casa pontualmente às 17:30 hs, e também começaram a deixar o escritório – mas eles retornavam secretamente uma hora mais tarde. Em geral, contudo, os ingleses e os japoneses achavam a comunicação direta extremamente difícil, resultando em que o trabalho dos bancos dependia inteiramente do papel de ponte desempenhado pelas mulheres japonesas, bancárias que tinham sido contratadas em Londres – e que, em sua maior parte, tinham escolhido emigrar para a Inglaterra e se casar com ingleses a fim de escapar às restrições sociais enfrentadas pelas mulheres no Japão. A dividida cultura de trabalho fornece uma explicação para o tremendo fracasso desses bancos japoneses em prosperar no contexto ocidental.

Em terceiro lugar, existe a esfera *dos mitos e das tradições orais*. Mitos e tradições podem ser vistos de muitos ângulos diferentes: como

instâncias da constituição social da memória, como folclore, como deformações da verdade histórica, como invenções da tradição, etc. Para mim, eles são mais valiosos quando diretamente relacionados à experiência de vida contemporânea. Tanto na América do Norte quanto na América do Sul, as tradições orais tornaram-se uma forma chave de evidência nas lutas pelos direitos da terra pelos ameríndios e também pelos negros livres dos quilombos. O metucioso estudo oral de Hugh Brody's em *Maps and Dreams*, sobre os territórios de caça de um grupo de índios canadenses, é exemplar desse trabalho. E como Raphael Samuel e eu argumentamos em *The Myths We Live By* (1990), mitos e tradições podem ser cruciais também para a identidade e a luta cotidiana em muitas esferas: entre protestantes e católicos na Irlanda, ainda marchando em paradas por batalhas de 1680, ou judeus e palestinos no Oriente Médio; entre homens e mulheres no trabalho; entre gerações nas famílias.

As influências familiares transgeracionais constituem um exemplo fascinante de como as tradições podem ser uma mistura, por um lado, de modelos observáveis diretamente – tal como uma avó que oferece à sua neta um exemplar de maternidade independente –, e de outro, de mitos simbólicos que, no entanto, podem ser influências poderosas na formação da identidade. Por exemplo, em minhas atuais entrevistas com as famílias jamaicanas transnacionais, até agora nem uma só pessoa traçou sua linha genealógica a um escravo negro. O único ancestral negro mencionado foi até os *Maroons*, que abriu o caminho deles para a liberdade. Por outro lado, a maioria cita um ancestral branco, incluindo, numa família, um escocês *Highlander* derrotado e transportado para a Jamaica como um condenado político. Existem membros dessas famílias ainda cultivando “a terra da família”, que lhes foi transmitida diretamente dos primeiros ex-escravos de sua própria família em meados do século XIX, de forma que seus nomes poderiam facilmente ter passado adiante; e todos eles devem ter tido mais ancestrais escravos que livres. Mas como famílias migrantes transnacionais, são pessoas que vivem com grande independência e determinação: o que eles precisam saber e o que eles recordam não é sua herança escrava, e sim sua descendência de homens livres.

Um dos exemplos mais notáveis da influência das tradições de família no comportamento dos dias de hoje me foi contado por John Byng-Hall, numa entrevista que incluímos em *The Myths We Live By*.

Ele é descendente do Almirante britânico Byng, que é famoso por ter perdido a ilha de Majorca em meados do século XVIII, aparentemente por sua ação covarde. Como punição, foi morto a tiros no convés de seu próprio navio. Byng-Hall sustenta que desde essa humilhação pública, em todas as gerações pelo menos uma pessoa demonstrou coragem quase insana – como seu próprio avô, que como Governador da Nigéria debelou uma rebelião permanecendo desarmado, vestido com uma roupa branca, no topo de uma montanha (o que funcionou, pois os rebeldes o tomaram por um fantasma), ou o pai de John, preso à sua remota fazenda em meio ao terror Mau Mau, dormindo sempre com o braço em volta de sua espingarda. O próprio John percebeu como esse mito tinha sido internalizado por ele também quando, ainda jovem, voltando da África para a Inglaterra por navio, foi atingido pela pólio, e em seu delírio sonhou que tinha sido ferido na lateral por uma bala de canhão – abatido como seu ancestral dois séculos antes.

Finalmente, em termos de potencial temático, eu enfatizaria o poder especial das entrevistas de história de vida e da história oral em estabelecer *conexões através das vidas*. A maioria da documentação tende a ser separada em diferentes categorias que não são fáceis de se conectar. Assim, em termos de migração, enquanto pode haver informação abundante sobre o contexto original e o novo, somente uma história de vida pode conectar os dois numa explicação narrativa que faz sentido para as duas extremidades do processo: que tipo de pessoas escolhe partir e por que, o que elas conseguem e o que isso significa para elas, por que decidem ficar ou voltar?

Tenho estado particularmente interessado nas conexões entre família e trabalho, e esse foi um tema essencial em meu estudo sobre comunidades de pesca na Escócia, *Living the Fishing*. Enfoquei quatro diferentes áreas, cada uma com variações notáveis em termos de estrutura familiar e empresarial, e cheguei à conclusão de que as duas estavam intimamente ligadas. A pesca mais bem sucedida era em áreas como as Ilhas Shetland ou Moray Firth, que tinham barcos de família, e onde as crianças foram educadas em famílias igualitárias que as encorajava a pensar por si próprias desde a tenra idade. Isso parece que gerou pescadores trabalhadores e inventivos, que modificavam ou desenvolviam equipamentos, e buscavam novos mercados e novos locais de pesca. Em contraste, em outras partes, como nas Western Isles, onde

as famílias eram mais patriarcais, as crianças eram severamente disciplinadas e ensinadas a seguir os mais velhos, e os adultos eram desencorajados a inovar, encontrei estagnação ou declínio e uma boa parcela de alcoolismo entre os homens e violência nas famílias. Lembro-me em particular de um homem das Western Isles contando-me que ao voltar de um período no Canadá, onde tinha apreendido novas idéias, seu avô comprou um barco maior e a maior carroça do vilarejo e em pouco tempo começou a ir bem. Mas depois de uns dois anos na colheita ele foi morto quando sua carroça virou sobre ele; o comentário dos moradores foi que sua morte fora uma retribuição divina, pois ele tinha sido morto pelo peso de seus bens terrenos.

As raízes sociais da criatividade individual permanecem um dos principais interesses de meu trabalho com história oral. Mais recentemente, entrevistei pesquisadores sociais pioneiros. Mais uma vez, a história de vida completa pode permitir conexões espantosas: por exemplo, quando gravei Peter Townsend, que foi o pioneiro pesquisador britânico sobre a pobreza, a velhice e a família nos últimos cinquenta anos, descobri que ele próprio tinha sido filho único, criado por uma mãe solteira, de modo que para ele, o papel da família nas crises foi uma questão desde sempre. Da mesma maneira, na *National Life Story Collection*, na *British Library*, em Londres, estivemos montando uma coletânea de entrevistas de história de vida em profundidade com pintores e escultores, e mais recentemente artistas e artesãos, explorando como suas trajetórias de vida moldam sua criatividade.

Quando vim ao Brasil pela primeira vez, dez anos atrás, encontrei um ceramista extraordinário em Pernambuco, Manuel Galdino, que combinava técnicas tradicionais com a inventividade temática de um escultor, e era também um repentista incrivelmente fluente. A historiadora oral recifense, Ana Dourado, e eu planejamos um livro sobre Manuel combinando fotografias de seu trabalho com textos de sua poesia oral e de sua própria vida: ele estava entusiasmado, e Ana Dourado começou a entrevistá-lo, mas então, um tanto repentinamente, e devido a sua pobreza, ele acabou morrendo por uma doença sem importância. Mas eu acho que existem muitos artistas pouco conhecidos no Brasil que igualmente valeria a pena registrar, tanto por eles mesmos quanto para uma compreensão mais profunda das pobres porém criativas comunidades das quais eles se originaram.

Passo agora a alguns dos desafios chave que a história oral irá enfrentar no futuro.

O primeiro é um problema persistente, a questão da “verdade”: a natureza da *memória*, pode-se acreditar nela? Essa questão será sempre fundamental para os historiadores orais, por isso dediquei uma sessão inteira a ela em *The Voice of the Past* (capítulos 4 e 5), e portanto não desejo elaborá-la aqui. Grosso modo, os depoimentos *combinam* dois tipos de conteúdo. De um lado, eles podem fornecer uma grande quantidade de informações factuais válidas, por exemplo, sobre onde a pessoa viveu, suas estruturas familiares, tipos de trabalho, etc. – informações que de vários modos pode-se provar como sendo amplamente confiáveis; mas ao lado disso, eles também sustentam a igualmente reveladora marca da moduladora força da memória, e também da consciência coletiva e individual. Existem os silêncios, primeiramente observados por Luisa Passerini nas memórias daqueles que viveram sob o fascismo, que pode ser um indício de como eles sofreram, assim como as crianças podem reprimir memórias de abuso sexual por um dos pais. E existe a transformação ativa da memória para dar sentido ao passado vivido, ou mesmo para ligá-lo a sonhos perdidos, o que Alessandro Portelli demonstrou de modo tão eloqüente a partir de suas entrevistas com os velhos comunistas de Terni, na Itália central.

Portelli mostrou quantos – mas deve-se observar que certamente nem todos – dos ativistas locais tinham suprimido a memória de uma greve anterior em que a polícia matou um manifestante, uma greve contra a adesão a OTAN, com memórias de greves posteriores contra demissões nos trabalhos das siderúrgicas; presumivelmente porque a adesão à OTAN provou ser uma questão transitória, enquanto a luta para manter o trabalho foi sustentada por décadas. Portelli relata também como um velho comunista, que teve que superar a revolução que nunca aconteceu, contou sua história de um passado que poderia ter sido: quando os comunistas tomaram a decisão crucial de participar das primeiras eleições pós-guerra ao invés de lutar como *Partisans* armados, ele próprio conversou com o líder nacional, Togliatti, e alertou-o contra a perda de oportunidade do momento, dizendo a Togliatti: “Como diz Marx, quando o pássaro está voando é o momento de atirar”. Na realidade, ele nunca teve a chance de ter essa conversa pessoal com o

líder, nem Marx disse qualquer coisa parecida sobre pássaros voadores; ele estava se pautando num provérbio camponês tradicional na Itália central. Mas embora em ambos os exemplos as lembranças coletadas por Portelli não fossem factualmente verdadeiras, em cada caso eles fornecem – precisamente através da maneira como eles deturpam ou inventam memórias da experiência – evidência viva de como a consciência dos ativistas comunistas locais desenvolve-se em resposta a eventos, e também como eles foram capazes de entrelaçar seu marxismo com a cultura popular mais antiga de sua região.

Essa reconfiguração pode também ser reveladora em termos dos valores familiares, e é especialmente provável de emergir entrevistando-se mais de uma geração de uma mesma família. Por exemplo, recentemente entrevistei uma mulher jamaicana madura na Grã-Bretanha, que tinha trabalhado como enfermeira e tem sido uma figura muito ativa em uma das igrejas. Ela me deu um relato honesto de seu casamento com um pastor e de seus filhos. Mas foi só mais tarde, quando entrevistei seu neto, que percebi que ela tinha tido seu filho mais velho como mãe solteira, antes de encontrar o pastor, embora eles tivessem criado essa criança como se fossem deles, e também que após a morte do pastor ela tinha tido um breve e mal sucedido segundo casamento. No contexto mais amplo da Jamaica, uma história de família como esta seria perfeitamente normal – de fato, a maioria das mulheres teve filhos fora do casamento; mas para ela, alguma edição da história claramente ajudava para sua identidade e respeitabilidade como uma líder de igreja.

Em suma, mais uma vez, temos tanto a aprender da reformulação da memória quanto dos fatos – e nesse caso, ambos vêm das lembranças orais. O tema da memória será sempre uma questão fundamental para os historiadores orais, mas acho que deveríamos abordá-lo positivamente, com confiança na *dupla* força da história oral, tanto objetiva quanto subjetiva.

Um segundo e mais recente desafio vem através do novo entusiasmo pela leitura das entrevistas como narrativas. Existem muitas fontes para essa abordagem, variando desde as técnicas especiais de interpretação desenvolvidas por Gabriele Rosenthal para entrevistar nazistas alemães, até análises literárias de discurso e gêneros autobiográficos, e *insights* antropológicos de como contexto e gênero moldam

lembranças, o que Elizabeth Tonkin tão bem argumenta em *Narrating our Pasts*. Achei fascinantes os *insights* oferecidos pela abordagem narrativa e, juntamente com Mary Chamberlain, recentemente editei um volume de artigos sobre o tema, *Narrative and Genre* (1998).

Não há dúvida de que muito pode ser aprendido a partir da leitura de entrevistas com esse tipo de sensibilidade. É muito surpreendente, por exemplo, as diferenças na linguagem e no estilo de uma história de vida quando o narrador está acostumado a apresentações públicas: as frases bíblicas no ativista de igreja, por exemplo, ou a habilidade para contar anedotas do homem que passou noites a fio no bar local. Num sentido mais geral, existem também contrastes marcantes entre a forma como homens e mulheres narram suas histórias de vida: os homens apoderando-se do ativo “eu”, colocando-se no centro do palco, enquanto as mulheres muito mais freqüentemente enfatizam o grupo, usando o pronome “nós” ou os pronomes neutros. Um relato especialmente divertido de como homens e mulheres diferem na conversa cotidiana pode ser encontrado em Deborah Tanner, *You Just Don't Understand*.

Mas se tudo isso é perfeitamente válido, existe um perigo muito sério. Muitos historiadores orais ficaram tão absorvidos em ler o que coletam acima de tudo como narrativas, enfocando como eles dizem o que eles dizem, que não têm tempo para refletir sobre o que os entrevistados realmente dizem. Então, sim, há que se tornar sensível à narrativa, sem contudo ir longe demais! Pois, se assim o fizer, perderá todas aquelas potencialidades e propósitos originais da história oral.

Um terceiro e também novo desafio consiste nas oportunidades de *compartilhar nosso material*. Existe, é claro, uma seção substancial do trabalho de história oral, especialmente nos Estados Unidos, que é baseada em arquivos, e consiste de projetos voltados principalmente para a criação de recursos biográficos públicos. Mas muitas outras entrevistas são realizadas para propósitos específicos de pesquisa, e uma vez que o livro do pesquisador é publicado as fitas são esquecidas numa prateleira, em casa ou no escritório, indisponível para outros, e prováveis de serem jogadas fora quando o pesquisador se muda ou se aposenta. Freqüentemente essas entrevistas em profundidade são conduzidas por sociólogos e também por historiadores orais, mas são de valor potencial equivalente para outros usos.

Originalmente, essa situação interessou-me porque decidimos organizar as transcrições das entrevistas para *The Edwardians* como um arquivo informal em Essex, e um número muito grande de pessoas tinha usado essas entrevistas: eu diria que mais umas dez publicações feitas por outros pesquisadores vieram do material que eu tinha produzido, e isso foi para mim uma fonte inesperada de recompensa e de prazer. Assim, no final dos anos oitenta eu estava preparado para montar the *National Life Story Collection* no *British Library National Sound Archive*, criando, pela primeira vez, um centro nacional para arquivar história oral, que se tornou um arquivo que tanto produz como recolhe material.

Foi possível realizar um breve *survey* com pesquisadores sociais, que mostrou que das entrevistas e das notas dos cadernos de campo de todos os projetos significativos a partir dos anos cinqüenta, apenas um décimo tinha sido arquivado, e a maior parte já tinha sido destruída ou corria sério risco. Posteriormente, em 1994, o *Economic and Social Research Council* financiou a montagem do *Qualidata*, através do qual nós temos alocado e recuperado muito material anterior precioso, assim como estabelecido uma política para proteger o futuro material de pesquisas com entrevistas.

É claro que o risco é colocar esforço demais na geração ou preservação de entrevistas que ninguém vai usar no futuro. Existe uma necessidade urgente de partilhar internacionalmente experiências sobre isso. Estou particularmente impressionado com as políticas suecas para gerar material autobiográfico numa base regular, como um recurso disponível em todas as bibliotecas públicas, sistemas universitários e escolares. Mas a partir de nossa própria experiência na Grã-Bretanha, parece que os conjuntos de entrevistas de história oral mais prováveis de serem usados são, primeiramente, os baseados em algum tipo de amostra regional ou nacional; em segundo lugar, histórias de vida completas em bastante profundidade, cobrindo ampla gama de temas; e em terceiro, entrevistas transcritas e sumariadas, organizadas tematicamente e indexadas. Com novos materiais, todos os textos serão legíveis por máquina, e a gravação é provável de ser também digital, de modo que uma vez escolhidas e organizadas, existirão novas possibilidades sem precedentes de tornar esse tipo de material disponível através dos sistemas educacionais, de bibliotecas e de pesquisa.

Aqui já encontramos nosso quarto desafio: *as novas tecnologias de comunicação*. Devemos abraçá-las como uma oportunidade maravilhosa, ou devemos reconhecê-las como os mensageiros de nosso futuro esquecimento? Afinal, a história oral como a conhecemos era indubitavelmente uma criança da idade de ouro do som, quando o rádio era a principal forma da comunicação de massa – uma era passada já distante. E eu não penso que, até o momento, historiadores orais têm apresentado um registro muito expressivo de afinidades com os avanços técnicos. Muitos vídeos de história oral que foram produzidos são tediosamente formais e repetitivos para se ver, por que seus criadores não reconhecem a necessidade de técnicas bastante diferentes a fim de fazer com que o trabalho audiovisual prenda os que o assistem e transmita sua mensagem. E, lamentavelmente, a mesma fraqueza tem se repetido na maior parte dos CD-Roms de projetos de história oral que tenho visto.

Mas, por outro lado, a audiência potencial e a influência ao alcance da história oral através da mídia contemporânea poderiam ser enormes. Por exemplo, um programa recente produzido por Steve Humphries, de filmes testemunhais na Grã-Bretanha, contava as histórias de mulheres que tinham sido mandadas para as *Magdalene homes* na Irlanda, geralmente acusadas de irregularidades sexuais. Muito frequentemente, de fato, elas foram vítimas de abuso por figuras locais proeminentes, como homens do clero, que precisavam encarcerá-las a fim de silenciá-las. Mas, pior ainda foi o tratamento que as esperava, dias infundáveis de trabalho duro pontuados pela brutalidade física das freiras e os assaltos sexuais dos sacerdotes visitantes. Quando o programa estava sendo filmado, nenhuma mulher que vivia na Irlanda ousou permitir que suas memórias fossem transmitidas, de forma que o documentário teve que ser baseado nas mulheres que mais tarde tinham emigrado para a Inglaterra. Mas uma linha telefônica foi providenciada pela televisão durante três dias após a transmissão, e umas 400 chamadas foram recebidas de mulheres da República Irlandesa relatando experiências similares. Este foi um caso em que a transmissão de vozes ocultas realmente mudou a consciência nacional.

Existem também novas excitantes possibilidades para difundir a história oral através da multimídia e da *internet*. Dispositivos de multimídia têm um potencial especial para integrar som, imagens visuais e

texto, e eles podem ser um importante caminho de atração para uma audiência mais jovem. Criar *sites* de memória na *internet*, e combinar diferentes tipos de documento, são novas formas igualmente importantes. Muitos projetos de história oral na Europa e nas Américas se lançaram nessas novas formas, mas muito frequentemente, de um jeito um tanto sem graça, sem qualquer *design* cintilante. A esse respeito, no Brasil o trabalho do Museu da Pessoa em São Paulo, sobre uma gama completa de temas – incluindo sindicatos, grandes negócios, mercados, clubes de futebol, usuários do metrô, etc. – tem uma elegância e sofisticação pioneiras.

Nosso desafio final será esclarecer o papel da história oral na formação da identidade numa era global. Eu acho que a influência da globalização, e as tendências em direção a uma cultura mundial homogeneizada, que é dada pela nossa crescente integração na economia global, fazem com que tendamos a fortalecer nossas raízes locais. Um sentido de raízes, de identidade comum e de comunidade pode ser crucial para permitir a ação social local. A história oral pode sem dúvida dar sua contribuição para isso. Em *Listening for a Change*, relatei um estudo de caso de duas favelas em Recife, Brasília Teimosa e Casa Amarela, onde a criação de uma história coletiva – agora ensinada nas escolas locais – de como a área foi ocupada e com que justificativas morais, tornou-se um estímulo muito importante para a bem sucedida campanha pela propriedade da área e para o abastecimento de água e energia, reivindicações que foram finalmente atendidas pelo prefeito da cidade.

Acredito também que a história oral pode ter um potencial para gerar uma compreensão humana entre nações. Em alguma medida ela é também usada dessa maneira pelas ONGs que buscam contribuições para fundos de catástrofes. Podemos também usar a história oral para compreendermos mais sobre pessoas que já vivem transnacionalmente – algo que os membros do *staff* das ONGs igualmente representam, como Andréa Zhouri mostrou em seu estudo sobre os ativistas britânicos que trabalham pela preservação da floresta amazônica. De modo mais ambicioso, em breve, com a computadorização da tradução, poderia ser possível criar um banco internacional multilinguístico de histórias de vida na *internet*, que poderia ser um meio para pesquisa, mas também simplesmente uma forma para que as pessoas comuns de diferentes nações pudessem saber mais umas sobre as outras – e o quanto

elas têm em comum. Mais dramaticamente ainda, pois depois de ver os (algumas vezes terríveis) depoimentos de *apartheid* televisados diariamente para a nação inteira durante as audiências da Comissão da Verdade da África do Sul, se poderia imaginar um papel para a história oral em interligar conflitos tão profundamente enraizados como na Irlanda do Norte ou no Oriente Médio?

Em conclusão, portanto, estou convencido do rico potencial que permanece aberto para a história oral, no Brasil e internacionalmente, hoje e no futuro. Aprender a ouvir é uma habilidade humana fundamental: para aqueles que importam, a história oral está aí para nos ajudar a compreender melhor nossos passados e para criar memórias nacionais muito mais ricas, mas também para nos ajudar a construir um futuro melhor, mais amável, mais democrático.

RESUMO: Neste artigo o autor oferece sua visão das potencialidades futuras da história oral no limiar do novo século, a partir de suas próprias experiências de trabalho com o método ao longo dos últimos trinta anos. O autor parte de duas premissas básicas: primeiramente, a história oral é um método essencialmente interdisciplinar; em segundo lugar, a melhor pesquisa de história oral une, ao mesmo tempo, a evidência da pesquisa qualitativa e quantitativa. Em termos de temas, são abordadas quatro áreas em que o trabalho com história oral mostra potencialidade e força especiais: vozes ocultas, esferas ocultas, tradições orais, e conexões através das histórias de vida. Por fim, o autor enfoca alguns dos principais desafios que a história oral irá enfrentar no futuro.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; potencialidades; desafios

ORAL HISTORY AND CONTEMPORANEITY

ABSTRACT: In this article, the author presents a discussion about the future prospects of oral history in the awake of the new century, based on his own experiences over thirty years work with this method. His premisses are twofold: firstly, oral history is an essentially interdisciplinary method; secondly, the best oral history research combines the evidence of both qualitative and quantitative research. In terms of issues, he identifies four areas in which the work of oral history shows its potential strength: hidden voices, hidden spheres, oral traditions and connection through life stories. Last but not least, the author raises some of the main challenges oral history will face in the future.

KEYWORDS: Oral history, prospects, challenges